

O SONHO

Magda Veloso

Sonhei com Dr. Franklin a noite passada. Mas no sonho ele não era o médico dedicado e amigo que tem sido nas minhas crises de bronchiti asmática desde os primeiros meses do meu casamento. No sonho ele era meu amante apaixonado. Trocávamos beijos loucos e ele me fazia carícias que eu jamais teria imaginado existir. Não sei de que parte da consciência, ou do subconsciente, surgiram todas aquelas imagens do sonho, carinhos estonteantes, uma exploração do meu corpo livre e sem barreiras, sem culpa e sem vergonha.

Acordei assustada e suando. Todo meu corpo experimentava uma sensação de prazer e expectativa. Minha respiração era ofegante. Olhei no escuro para Armando do meu lado. A luz que vinha do poste da rua e atravessava a janela pelas grossas persianas me deixava entrever o perfil magro e ofegante do meu marido. Ele roncava às vezes mansamente, às vezes soltava um ruído estertoroso, e a saliva se juntava no canto da boca. Senti uma tremenda sensação de culpa. O meu marido ali do meu lado, dormindo o sono cansado do final de um dia de trabalho e eu a deixar minha imaginação livre e permitir que meu sonho fosse povoado com um outro homem, e que os carinhos desse homem me proporcionassem tanto prazer. Meu pensamento, incontrolável, voltou a reviver os acontecimentos do sonho. Pela minha cabeça, agora acordada, passaram as carícias a que eu me submetera. Outra onda de prazer me passou pelo corpo, e novamente um sentimento de culpa me tomou a consciência. Eram carícias que eu nunca tinha experimentado com meu marido e às quais eu nunca me submeteria com ele. A culpa foi aumen-

tada com a descoberta da sensação de prazer. Aquele prazer eu não tinha no meu relacionamento amoroso com Armando. Seria uma espécie de traição da minha parte? Meu relacionamento com ele sempre tinha sido tranqüilo e comum. Eu sabia que ele se satisfazia comigo, eu estava sempre à disposição dele, ele nunca me pedia mais do que isso. Fiquei acordada a imaginar se a meia idade estava começando a me incomodar e eu começara agora a ter sonhos de mocinha adolescente que não conhece o amor. Será que anos atrás, quando me casara, eu teria sentido todas aquelas sensações alucinantes do sonho e nem me lembrava mais? Tentei voltar os anos dentro da minha cabeça. Não. Nunca tinha sido aquele amor louco com Armando. Um namoro comprido, como era de praxe, noivado com aliança durante um ano, enxoval conforme a tradição, casamento na igreja com vestido de noiva comprido, grinalda e véu. Depois a lua de mel numa praia e a volta para assumir as tarefas domésticas próprias da dona de casa. Antes de casar eu trabalhara como secretária bilingue numa firma francesa, e tinha uma carreira promissora pela frente. Mas o casamento era incompatível com a carreira. Nas vésperas do casamento, o pedido de demissão. O chefe, muito amável, dizendo palavras de encorajamento, que pena, Dona Susana, gosto tanto do seu trabalho, eu esperava que a senhora pudesse continuar com nossa firma... Não é possível, Doutor François. Meu noivo é engenheiro, ele tem um bom emprego, eu não vou precisar trabalhar, posso cuidar da casa e de tudo. Depois, nós queremos ter muitos filhos... Bem que nós fomos fiéis aos nossos planos, hem Armando? Os três meninos estão aí, já criados, o Júnior trabalhando com você na firma, e a Zelinha já fazendo vestibular ano que vem. E de repente eu, depois dos 45 anos, sonhando com um outro homem. Eu não tenho nada com o Dr. Franklin. Sempre o admirei muito como médico e como pessoa, tão calmo e tranqüilo, tão competente, minhas crises só melhoram depois da visita dele. Ele é até bonito, com aqueles cabelos brancos, mas eu jamais olhei para ele com intenção de mulher. E agora? Como é que eu vou enfrentar olhar pra ele no consultório da próxima vez que eu tiver de ir lá? E Armando? Será que ele não vai perceber que eu tive um sonho

desse? Como é que ele iria reagir? Ele costuma ser tão violento quando fica com raiva... Como ele fica todo dia quando o almoço não lhe agrada, como ficou no outro mês quando eu esqueci de pagar a conta de luz... Não tinha importância alguma, a CEMIG me informou no telefone que cobraria a multa no mês seguinte, não tinha perigo de cortarem a luz pelo atraso de alguns dias... Mas ele ficou bravo assim mesmo, afinal ele dá um duro danado pra botar as coisas dentro de casa e a gente pagando multa por causa de um esquecimento meu. As vezes fico pensando que se eu trabalhasse fora e tivesse meu dinheiro, eu poderia pagar a multa e ele nem ficaria sabendo. Assim evitaria a nervosia dele. Mas não posso. Quem vai olhar a casa? Quando a mulher trabalha fora, a despesa ainda fica maior. Tem que comprar roupa pra trabalhar todo dia, empregada desperdiça óleo na cozinha, joga restos de comida no lixo, come demais. A gente tem de ficar de olho. Também, onde é que uma mulher de 45 anos vai arranjar emprego? Eu nem sei mais trabalhar. Meu francês mal dá pra ler umas revistas de vez em quando, ou reler um dos meus livros antigos. "Lettres de Mon Moulin" é uma beleza. Nem sei pra que estudar tanto como eu estudei. Não adiantou nem pra ajudar os meninos na escola, hoje eles só estudam inglês, o francês está desaparecendo.

Minha cabeça vagou tanto a noite passada. Eu fechava os olhos e tentava dormir, o sono não vinha. A única coisa que vinha era a imagem do Dr. Franklin e aquela sensação gostosa pelo meu corpo. Virei as costas para o lado de Armando, com medo dele perceber minha insônia, acordar e começar a me encostar. Não sei por que, eu não estava disposta a aceitá-lo a noite passada. Acho que o sonho me deixou perturbada. Eu sabia que com ele eu não ia ter as mesmas sensações. Fiquei quietinha e, já de manhã, o sono veio de novo. Foi pouco tempo, pois tive de levantar para fazer o café dos que iam sair cedo. Eu estava calada e muito desconfiada. Armando nem notou. Mas eu fiquei com tanta sensação de culpa que quando ele reclamou do atraso da comida na hora do almoço eu nem pensei em me desculpar. Corri a cortar a carne e a passar a farofa pra servir o almoço depressa.

Meu corpo esteve dolorido o dia inteiro. Minha respiração estava mais curta e eu fiquei com medo de ter uma das crises de bronquite costumeiras. Eu não teria coragem de telefonar para o Dr. Franklin enquanto não esquecesse aquele sonho louco. A tarde inteira meu peito ficou oprimido. Me lembrei da primeira crise que tivera, logo depois de casada. Eu era muito inexperiente no serviço da casa, e estava atrasada com a carne do almoço, e Armando tinha que almoçar assim que chegasse, para ter um tempinho de descansar antes de voltar para o trabalho. Coitado! Não pode descansar naquele dia, pois eu fui perdendo a respiração e ficando roxa, e ele teve que engolir o almoço correndo para me pôr no carro e me levar para um hospital. Foi no hospital que o Dr. Franklin me atendeu pela primeira vez e então passou a ser meu médico de rotina. Ele olha o Eduardo também, o meu segundo. Eduardo é muito calado, foi um menino muito tímido, muito obediente. Mas teve crises de bronquite asmática igual a mim, desde pequenino. E o Dr. Franklin tem sido um santo protetor todos estes anos. E essa agora, eu sonhar com ele nessa situação!

Armando chegou há pouco, cansado, tomou um banho e jantou. Ele nem reparou que eu não jantei nada, mas é melhor assim. Desse jeito ele não faz perguntas e não repara em mim. Eu não precisava ter tido tanto medo. Ele nem percebeu que minha mão tremeu o dia inteiro e que meu coração bateu mais apressado pela lembrança do sonho. Ele sentou em frente à televisão, viu o jornal, cochilou na novela e foi para o quarto. Eu fiquei quietinha na sala fazendo meu crochet. Mas depois de algum tempo ele me chama do quarto. Minha vontade é ficar aqui na sala, na penumbra da luz do abajur, e sonhar de novo aquele sonho maravilhoso. Mas sou a mulher dele, não posso me negar. Levanto, apago a luz e vou me deitar com ele.